



Guida Manuel

Psicóloga Clínica e Investigadora associada do Centro de Trauma (CES/UC)

Embora a formação online já existisse, com variados cursos, incluindo a formação especializada e de nível superior, assistimos nos últimos meses, com a pandemia, a uma verdadeira e exponencial generalização do ensino à distância e da formação online. Tal alteração ocorreu no ensino regular, na formação profissional tanto escolar como nas empresas e instituições estatais. Todas as estruturas de formação tiveram de adaptar-se sob ameaça de verem a sua actividade completamente parada por tempo indeterminado.

A par com as instituições, professores e formadores tiveram de rapidamente adaptar-se a esta situação de não poder estar presencialmente em sala de aula. O desafio do ensino à distância colocou em marcha a pesquisa pela melhor e mais segura plataforma, que garantisse a formadores e formandos uma qualidade e garantia de que os conteúdos e utilizadores ficariam seguros. As faculdades rapidamente mobilizaram recursos de forma que docentes e discentes ficassem em segurança e ao mesmo tempo continuassem os planos de estudos. Estes últimos também sofreram algumas alterações e adaptações.

No ensino básico e secundário além de se ter adotado a telescola para todos os anos, optou-se por terminar o ano escolar mais tarde, encurtaram-se as férias, de modo a que os programas fossem cumpridos o mais possível. Assistiu-se a uma mudança massiva, necessária a um movimento adaptativo, observando-se a introdução de novas metodologias de ensino na Era digital e a evolução de infraestruturas tecnológicas falando-se de “smart schools” e “virtual Campus”. Palavras como “e-learning” e “b-learning” já faziam parte do léxico próprio da formação profissional, no seio de instituições que acompanharam a evolução dos tempos, modernizando-se e rentabilizando os recursos digitais que a tecnologia permite. O e-learning refere a utilização da Internet como meio de comunicação, síncrono ou assíncrono, em que o professor/formador está à distância e o aluno/formando aprende através de conteúdos colocados no computador e/ou Internet, podendo ser considerado um modelo interactivo de Ensino à Distância. O b-learning ou “blended learning” pode ser considerado uma das várias modalidades de e-Learning, que resulta na integração de módulos e/ou atividades presenciais e à distância, sendo considerado um regime misto. Tais termos assumem agora um maior protagonismo, sendo a utilização do e-learning muito actual, sem sessões presenciais durante a pandemia para esmagadora maioria dos alunos pois apenas os alunos do

secundário (11º/12º anos) regressaram recentemente fisicamente às escolas para preparação dos exames nacionais. O b-learning tem sido apontado como uma solução mista para o futuro como estratégia de rentabilização de recursos e implementação de um novo paradigma no ensino para a escola.

A nível geral, surgem ainda termos como “web talk”, “webinar” e uma panóplia de cursos online sobre os mais variados assuntos, disponibilizando recursos e informação a toda a hora e em qualquer lugar.

Em casa, alunos, pais e professores, faziam o seu melhor ou o que podiam, todos enfrentando desafios jamais vislumbrados e desejando que a ameaça terminasse depressa. Os “media” e as redes sociais acompanhando tudo e inflamando aqui e ali algum aspecto menos positivo de todo o processo.

As mudanças trazem sempre adeptos e resistentes, que produzem debates intensos nas redes sociais sobre o impacto das aulas online, utilidade das mesmas, o cansaço de professores e alunos, a capacidade de aprendizagem destes, a diversidade na capacidade de adaptação dos profissionais, o esgotamento dos pais, as desigualdades no acesso e suas implicações nos mais carenciados, a importância de continuar programas formativos cujos resultados se desconhece quando a sobrevivência, saúde física e mental estava em causa, etc.

Como pano de fundo de toda esta situação na actual pandemia, sublinha-se a existência de um excesso de informação e contradição que contribui para a entropia e conflitualidade intra e interindividual, ficando quer indivíduos quer sociedade em geral confusos e sobrecarregados.

Neste momento, em período de férias escolares, pais, alunos e professores, antecipam já com alguma expectativa e ansiedade o próximo ano lectivo, embora esteja ainda no campo da incerteza como irá decorrer parece que o regresso presencial às escolas não será possível, de modo integral, pelo menos no período inicial.

Para alguns professores foi uma experiência positiva e satisfatória, adaptaram-se a não olhar os alunos nos olhos, desenvolveram capacidades que desconheciam, aprenderam a usar novas ferramentas e a explorar novos recursos, que poderão utilizar no futuro. Outros sentiram-se perdidos e assoberbados com novas e penosas tarefas, acumularam cansaço e desejaram que o ano terminasse. Entre uns e outros uma diversidade de atitudes e comportamentos, que diferenciam cada professor e o tornam um ser e profissional único.

Quanto aos alunos, também muito diferentes entre si, alguns sentiram que o ensino online era pouco personalizado, não contribuía para aprenderem mais, dispersavam, não se concentravam nas aulas, aborreciam-se, recorriam a distrações durante as aulas (telemóvel, redes sociais, etc.) e apontam uma grande diferença de professor para professor na utilização das ferramentas digitais. Outros verificaram que conseguem manter-se mais atentos durante as aulas online, não dispersam tanto, concentram-se melhor, em especial os que nas aulas presenciais se distraiam mais ou tinham dificuldade em manter a

atenção. Os alunos mais tímidos, reservados e que têm alguma dificuldade na interação social apreciaram as aulas à distância, para alguns foi-lhes permitido estar onde mais gostam (no seu quarto).

Para muitos pais, o desafio de manter os filhos afastados da tecnologia ou fomentar a realização de outras tarefas que não incluam écrans tornou-se em algo ambivalente, muitos deles em teletrabalho passavam o dia em frente a um écran e os filhos, em grande parte do dia, pelas tarefas escolares também, sendo que muito do seu lazer passa pelos écrans e uso de tecnologia. Não podendo sair, para muitos o uso da tecnologia intensificou-se.

Assumido é o facto de que deve existir continuidade na aprendizagem, sendo os professores e formadores impulsionados a explorar os recursos tecnológicos de modo a proporcionarem o melhor contexto, dadas as circunstâncias, para os alunos acederem aos conteúdos e aprenderem.

No seio da comunidade científica permanecem dúvidas sobre a eficácia do ensino à distância quando comparado com o ensino presencial, à imagem deste também a eficácia da aprendizagem à distância variará em função de diversos factores. Além de que as variações do ensino à distância podem ser numerosas, sendo que o modo integral está pouco estudado pois não é muito usado*.

Têm surgido referenciados* alguns estudos sobre a eficácia do ensino à distância, nomeadamente em países em que já havia tradição nesta modalidade como os EUA, onde este tipo de ensino é popular e abrange muitos alunos. A utilização do ensino à distância a nível superior já se vinha acentuando antes da pandemia, surgindo interesse sobre o seu impacto nos estudantes. De modo resumido, embora os estudos sejam escassos e não se possa generalizar, os estudantes universitários apresentam piores resultados no ensino à distância, maior abandono e menor probabilidade de sucesso no progresso formativo, trazendo menos benefícios aos alunos que apresentam dificuldades. Também no secundário, os alunos com dificuldades apresentam piores resultados com ensino à distância do que com ensino presencial. Surgindo o ensino à distância útil para alunos com resultados médios ou elevados aprofundarem matérias específicas, consolidando conhecimentos.

Uma das questões que se coloca remete para a relação professor-aluno, que se desenvolve de diferente modo no contexto escolar presencial e no ensino à distância integral, sendo que a investigação aponta para a importância da interação direta com o professor, indicando que a sua ausência será prejudicial para a aprendizagem. Verifica-se ainda que o ensino presencial agregado ao ensino à distância apresenta resultados semelhantes ao ensino totalmente presencial, colocando a tónica no factor humano e no papel do professor. O desempenho deste, a sua preparação, formação e motivação parecem ser fundamentais para a aprendizagem dos alunos. Os professores estão preparados para lecionar em contexto de sala de aula presencial, não estando preparados para o ensino à distância as dificuldades foram acrescidas, em especial no que respeita a utilização da tecnologia, que exige o desenvolvimento de estratégias específicas quer em termos de comunicação quer em termos de ensino. Mais do que a transmissão de conteúdos, é importante ter em conta a

formação dos professores nas ferramentas digitais, adquirindo estratégias que resultem online, motivando os alunos para a aprendizagem e fomentando uma experiência profissional satisfatória. Sendo a questão da motivação do aluno central na aprendizagem e o abandono escolar uma preocupação, onde a interação personalizada com comunicação regular positiva pode motivar a ligação do aluno e, conseqüentemente, a continuação e conclusão do programa de estudos.

A insatisfação dos professores é algo que acompanhamos há vários anos, sobretudo com o acumular de tarefas extra sala de aula/ensino e sobrecarga com tarefas administrativas, algo que se manteve neste período de ensino à distância e que tem efeitos negativos na sua satisfação com o trabalho, contribuindo para a sua exaustão. No entanto, sublinha-se a capacidade criativa e adaptativa dos mesmos para fazerem face a uma situação que extrapolou tudo o que era conhecido, sendo que alguns, também eles pais com crianças em casa, familiares dependentes ou de risco, eles mesmo de risco, se encontravam a enfrentar situações de particular desafio pessoal.

Se os professores são muito diferentes entre si, o mesmo se pode dizer dos alunos que se viram recolhidos em casa, uns com facilidade de acesso à tecnologia e internet outros nem por isso, alguns com os pais outros sozinhos, alguns com pais buscando tranquilizar e tranquilizar-se no meio de uma pandemia, outros com pais a atravessar uma crise, com dificuldades diversas, económicas, pessoais com pouca capacidade em auto-regular as suas emoções e conter as suas ações, gerando relações agressivas, violentas e onde a escola, único refúgio de muitas crianças e adolescentes deixou de o ser. Muito diferentes os alunos, muito variadas as condições das famílias e as relações entre os seus membros. A tendência dos estudos aponta para que, em média, os alunos com baixo nível socioeconómico são os que apresentam piores condições de acesso e uso tecnológico, tendendo a ter pior aproveitamento no ensino à distância quando comparado ao presencial. Durante o início da pandemia, em Portugal, deu-se o alerta e foi notório o esforço para colmatar a desigualdade no acesso à tecnologia por parte dos alunos. Dado o fim da pandemia não estar à vista, é de particular pertinência continuarem os programas de apoio às famílias que visam atenuar a desigualdade social e a integração no ensino à distância de todos os alunos, bem como o desenvolvimento de estratégias de apoio personalizadas no caso de necessidade pessoal.

Durante este período foi produzida uma quantidade de recursos, online, vídeos, workshops, folhetos, etc. com informação que poderia ser útil para os formadores/professores e também para os alunos rentabilizarem a aprendizagem no ensino online, mas tanto uns como outros tiveram de agir e provavelmente não tiveram muito tempo para explorar essas ferramentas. Acrescendo a dificuldade de gerir o excesso de informação e separar o importante do acessório, a prioridade estava em prosseguir com os programas e com as aulas. O que se sabe é que o ensino à distância usado de forma integral é raro, desconhecendo-se as suas implicações na aprendizagem, subsistindo dúvidas sobre a sua eficácia, embora seja mais favorável quando se consegue

manter a relação entre professor/aluno, usado em matérias específicas e num sistema misto*. Sabe-se também que, de momento, foi uma solução que visou a proteção de alunos, professores e comunidade em geral e que pode vir a fazer parte de uma solução futura, quer numa versão integral quer parcial. Seja como for, embora não substitua o ensino presencial, é um recurso que pode fazer chegar a todos o conhecimento, tornando-o acessível, uma ferramenta cada vez ser mais relevante a nível do ensino que pode trazer uma contribuição positiva à aprendizagem.

Artigos de interesse para o tema:

*<https://observador.pt/especiais/o-ensino-a-distancia-funciona/>

<https://www.iniciativaeducacao.org/pt/ed-on/ed-on-artigos/sera-a-distancia-i-gual-para-todos>

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/roteiro_ead_vfinal.pdf